



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 35

Encarando o abismo

Branca Vianna: Você tá ouvindo o Rádio Novelo Apresenta. Aqui é a Branca Vianna.

Tem um conto do Jorge Luis Borges chamado “O milagre secreto”. A história é assim: tem um escritor que tá na frente de um pelotão de fuzilamento. Ele tá prestes a morrer. E o pior – pra ele – não é que ele vai morrer. É que ele vai morrer sem ter terminado a obra-prima dele.

Naquele momento, antes do sargento dar a ordem de atirar, o escritor faz um pedido pra Deus. Ele pede um ano. Um ano a mais de vida, pra ele conseguir terminar a obra dele. Daí vem a ordem de abrir fogo. E aí o tempo para.

E aquele instante – antes das balas saírem dos fuzis dos soldados – acaba durando um ano. Nada sai do lugar. Ninguém se mexe. Mas o escritor ganha o tempo que ele precisava pra terminar a obra dele. Só que ele só consegue terminar a obra dentro da cabeça dele. E aí ele morre, né. Ele morre, e a obra-prima se perde pra sempre.

Guardadas todas, mas todas as proporções, o primeiro ato do episódio de hoje é um pouco assim. É sobre um momento crucial que acaba sendo dilatado. Mas que, no final, talvez não sirva pra nada. Quem conta essa – e

quem me obrigou a citar um conto do Borges aqui – é a Flora Thomson-DeVeaux.

ATO 1

Flora Thomson-DeVeaux: Essa história se passa no que eu tô aprendendo, aos poucos, a chamar de “o século passado”. No finzinho do século XX. Um momento histórico em que a estreia de um grande filme nos cinemas era um evento que ainda realmente arrasava quarteirões.

Gabriela Lancellotti: Quando eu fiz nove anos, estreou Titanic no cinema.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa história é uma tragédia. Uma história de fatalidades. De erros de cálculo. Mas ela é, sobretudo, uma história de amor.

Gabriela Lancellotti: Eu me apresento agora?

Flora Thomson-DeVeaux: E essa é a Gabi.

Gabriela Lancellotti: Sou Gabriela Lancellotti. Só.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa história é sobre a Gabi e a melhor amiga dela, a Emília.

Gabriela Lancellotti: A Emília era minha melhor amiga, assim, para sempre, foi uma amizade forçada.

Flora Thomson-DeVeaux: A gente sabe que são raras as histórias de amizades forçadas bem-sucedidas. Amizades forçadas são os casamentos arranjados da primeira infância. Acho que todo mundo tem pelo menos uma lembrança penosa e muito chata de tá sentado do lado do fulaninho ou da fulaninha, num silêncio constrangedor, só porque vocês tinham a mesma idade.

Na vida real, sem forção, a gente acaba fazendo amizade com quem tá perto. Com quem tá na mesma escola, na mesma rua. E não era o caso da Gabi e da Emília. Elas só tinham uma coisa em comum.

Gabriela Lancellotti: Minha mãe era amiga da mãe dela, muito amiga da mãe dela.

Flora Thomson-DeVeaux: E ia ser muito prático pras duas mães que as filhas também fossem amigas. Então a mãe da Gabi resolveu desafiar a lei da gravidade social. E, pra isso, ela usou uma ferramenta poderosa. Um grande filme que tinha acabado de estrear no Brasil. Era o começo de 1998.

Titanic estava arrasando quarteirões pelo mundo todo. Só que não tinha nenhum quarteirão pra arrasar perto da Gabi, porque ela morava no interior de São Paulo, em Batatais. Que na época não tinha cinema.

Gabriela Lancellotti: E aí a minha mãe falou assim: "Escolhe amigos para levar para Ribeirão Preto que eu vou bancar o cinema, tudo". E eu falei assim: "Meu Deus, olha esse momento!"

Flora Thomson-DeVeaux: O Titanic, o navio de verdade, saiu de Southampton, na Inglaterra, e percorreu mais de 3.000 quilômetros antes de naufragar. De Batatais até Ribeirão dá menos de 50 quilômetros. Mas, mesmo assim, essa era uma grande viagem.

Gabriela Lancellotti: Daí coloquei meus amigos na Caravan dos meus pais, aquele carro grande, comprido, cabe um monte de gente atrás.

Flora Thomson-DeVeaux: A caravana do Titanic estava partindo, com a mãe da Gabi no timão.

Gabriela Lancellotti: E aí ela foi indo. Ela não estava saindo de Batatais. Ela começou a ir para um outro bairro que eu nunca vi na minha vida. E aí entrou uma menina no carro.

Flora Thomson-DeVeaux: Uma menina que a Gabi também nunca tinha visto. Era a Emília.

Gabriela Lancellotti: Sentou do meu lado, e eu assim: “Que que é isso?! O que que é isso??” E aí eu fiquei revoltada, falei assim: “Mas é meu aniversário, tá vindo uma pessoa que eu não conheço! O que que está acontecendo!?” Acontece que eu e Emília, assim, 20 minutos de carro, selamos uma amizade verdadeira, eterna. Eu não sei o que aconteceu. A gente é muito parecida, assim, muito parecida, muito. Tanto que às vezes beirava a competição, na escola era extremamente engraçado, um pouco tóxico. Entretanto, a Emília, assim, maravilhosa. Agradeço a minha mãe eternamente por essa forçada de amizade.

Emília Bordini: Ela foi de fato muito legal comigo – porque assim, pensar que uma pessoa que a mãe mandou você ser legal talvez você não seja tão legal, ainda mais pré-adolescente e tal.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa, claro, é a Emília.

Emília Bordini: Realmente a gente tinha muita coisa em comum, e ao mesmo tempo algumas coisas, nossas personalidades eram completamente distintas, assim, acho que eu era mais patricinha fresca, e a Gabi, mais descolada.

Flora Thomson-DeVeaux: A Gabi gostava de rock e tinha uma cabeleira volumosa que fez ela merecer o apelido de Robert Plant – o vocalista do Led Zeppelin. Os pais dela tinham uma fazenda, e lá, nas férias escolares, ela podia viver uma vida rock’n’roll rural.

Gabriela Lancellotti: Nessa época tinha um cavalo na fazenda, um, o Aimoré, que era um cavalo gigantesco, que tinha uma recomendação para a gente não andar nele, mas eu andava. Eu e a minha prima mais velha, minha irmã mais velha treinava e tudo, então eu meio que aprendi um pouco com ela. E aí eu chegava na fazenda e pedia pro Vitor, que era o grande cara da fazenda, que tomava conta de

absolutamente tudo, arrear o cavalo e eu subia, dava uma volta, voltava. Era muito normal acontecer isso.

Flora Thomson-DeVeaux: Você não falou “regras”, você falou “recomendação”.

Gabriela Lancellotti: É.

Flora Thomson-DeVeaux: Existia alguma regra? Ou eram todas recomendações?

Gabriela Lancellotti: Nenhuma regra. [ri]

Flora Thomson-DeVeaux: Lá na fazenda, a Gabi e os irmãos dela levavam amigos, e ficavam num esquema que, quando ela descreveu pra mim, me soou como um “Senhor das Moscas” nível light. Uma, duas dezenas de pré-adolescentes num ambiente rural, com bem pouca supervisão.

Gabriela Lancellotti: E a grande maioria das vezes quem eu levava era a Emília.

Emília Bordini: E a gente ficava toda enfurnada nessa fazenda fazendo vários nadas e era muito, muito, muito legal.

Flora Thomson-DeVeaux: Como eram esses nadas?

Emília Bordini: Cara, desde jogos de tabuleiro, ficar o dia inteiro na piscina até se divertir horrores vendo as senhorinhas vendendo joias à noite nos canais da madrugada. Eram uns negócios muito toscos.

Flora Thomson-DeVeaux: Piscina, jogo de tabuleiro, televendas de joias... "Senhor das Moscas" light. Mas a história que eu queria ouvir da Gabi e da Emília era sobre uma situação um pouco menos light. Foi num dia de julho de 2002.

Gabriela Lancellotti: Tem aquela coisa da criança querer se mostrar, que eu falei: "Emília, vamos andar a cavalo". A Emília falou assim: "Tenho muito medo e tal". Falei: "Não, vamos nós duas. O cavalo é muito grande. O Vítor vai colocar o arreio pra gente. Ele ajuda a gente a subir, descer, aquela coisa toda". Aí Emília falou: "Tá bom".

Flora Thomson-DeVeaux: A Emília já tinha andado a cavalo antes. Mas essa não era uma atividade tranquila pra ela.

Gabriela Lancellotti: A Emília sempre foi meio tensa com bichos. E aí chegou aquele cavalo monstruoso. Era muito grande, o cavalo era muito grande.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu tenho até uma pergunta de percepção, assim. Ele era objetivamente grande ou isso era escala de...

Gabriela Lancellotti: Objetivamente grande. Era um cavalo grande, cavalo grande.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas grande, grande comparado com outros cavalos?

Gabriela Lancellotti: Não, grande comparado com outros cavalos! Era um cavalo grande, robusto, assim. Sabe cavalo de pata grande, assim?

Flora Thomson-DeVeaux: Todos os cavalos têm patas grandes!

Gabriela Lancellotti: Mas uma pata extraordinariamente grande! Eu tenho um exemplo horrível: sabe o Corcunda de Notre Dame? O filme da Disney? O cara do mal lá, aquele cara do mal, aquele frade, sei lá o que que ele é, ele tem um cavalo que é um cavalo grande. Aquilo é um cavalo grande.

Flora Thomson-DeVeaux: Como talvez tenha dado pra perceber, eu não sei nada de cavalo. Mas as referências da Gabi também não estavam me ajudando a entender as dimensões do Aimoré. Então, depois da entrevista, a

Gabi me mandou uma foto dela, criança, montada num animal. Eu olhei bem pra foto, e fiquei esperando a legenda. Achei que ia vir algo tipo: "Ah, essa sou eu num pônei". Mas o "pônei" era o Aimoré.

Eu vou deixar essa foto ali no site da Novelo pra você, que pode eventualmente ser mais conhecedor de assuntos equestres, decidir se o Aimoré estava mais pra pônei, ou mais pra um cavalo "objetivamente grande", tipo o do cara lá do Corcunda de Notre-Dame. Mas enfim, essa não é a questão central da nossa história.

Emília Bordini: Ele era pangarézão, assim, tipo, não era a Ferrari dos cavalos, era um velhinho e tal. Sabe aqueles da Disney, meio preguiçosinho? Era ele.

Gabriela Lancellotti: Ele não era um cavalo rápido porque era um cavalo grande, então ele era devagar, ele estava curtindo a vida dele também, assim, era um cavalo de boa.

Emília Bordini: Que qualquer ser humano ultrapassaria a gente, sabe?

Flora Thomson-DeVeaux: Então saíram a Gabi e a Emília pra dar uma volta nesse "pangarézão", trotando em marcha lenta. A Gabi estava atrás, segurando os arreios, e a Emília estava na frente.

Gabriela Lancellotti: E a gente deu uma volta inacreditável na fazenda inteira.

Flora Thomson-DeVeaux: Segundo a Gabi, o passeio durou horas. Mas, depois de ver a foto do Aimoré, já não sei no que acreditar. De qualquer jeito, o que interessa aqui pra gente é o que aconteceu na chegada.

A Gabi e a Emília tinham dado uma volta triunfal na fazenda. Mas uma volta triunfal não é nada triunfal se você não pode se exibir um pouco.

Gabriela Lancellotti: A gente falou: "Vamos chegar pela casa e descer lá, pra mostrar pra todo mundo que a gente está de cavalo".

Emília Bordini: E a gente conseguiu, tipo, estacionar o cavalo.

Flora Thomson-DeVeaux: Elas estacionaram o Aimoré perto da casa onde as outras crianças estavam, em um pátio de cimento perto da churrasqueira.

Gabriela Lancellotti: Então a gente chegou, o cavalo parou em cima do cimento.

Emília Bordini: A gente parou exatamente na frente da casa.

Gabriela Lancellotti: Eu falei assim: "Vamos descer". Aí a Emília: "Vamos".

Emília Bordini: Ficamos ali quebrando a cabeça em como a gente ia descer, porque parece que você tá muito no alto.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu só tive em cima de um cavalo uma vez na vida – e não exatamente por vontade própria – quando eu tinha uns nove, dez anos. E a única lembrança que ficou dessa experiência foi um sentimento horrível de vertigem. Aquele cavalo – esse sim – era objetivamente grande. Parecia que eu estava montada num prédio de três andares.

Emília Bordini: Parece que você tá no alto de um prédio, uma meio grudada na outra, sem saber como se desvencilhar uma da outra e ao mesmo tempo conseguir descer do alto desse suposto prédio.

Gabriela Lancellotti: Só que eu pensei: "Eu vou descer e vou pegar a Emília". Muito maternal da minha parte, né, a Emília pequenininha, eu vou cuidar dela, tadinha. Vou descer ela no meu colo, assim, pegá-la por cima. Imaginei tudo que ia acontecer.

Emília Bordini: Aí começou aquela coisa: "Ah, vai você primeiro!" "Não vai você". "Não, mas se eu for, acho que a gente vai desequilibrar".

Gabriela Lancellotti: E aí eu tirei a perna direita na hora que eu puxei, eu não sei que eu bati na perna de Emília ou a minha mão que estava segurando o arreio trouxe a Emília comigo. Então a gente meio que escorregou um pouco pra esquerda.

Flora Thomson-DeVeaux: Nisso, elas não caíram. Mas ficaram penduradas.

Emília Bordini: E aí a sela meio que começou, a gente fala no interior, "envergar", começou a dar uma andadinha assim.

Gabriela Lancellotti: E aí o Aimoré deu uma primeira tropeçada pro lado assim, ele fez "tum-tum" pro lado. E aí parecia que o cavalo a cair, sabe, de lado.

Emília Bordini: E aí o tal do prédio virou um penhasco de vez e foi um "salve-se quem puder".

Gabriela Lancellotti: E a gente ficou levemente na diagonal, eu segurando o arreio e ela um pouco, meu braço esquerdo, minha perna levemente pendurada assim. E aí a Emília virou pra mim e falou assim: "A gente vai cair!" E aí eu falei: "Não, Emília, eu vou descer e vai dar tudo certo". A Emília falou: "Não, eu vou cair. E eu estou com medo de bater a cabeça". E eu falei: "E se o cavalo cair em cima da gente? Não é melhor eu descer antes?" Isso tudo a gente conversando. E a Emília falando: "Não, mas se você soltar antes, talvez você caia, bata a cabeça e se machuque, depois eu vou cair em cima de você, e o cavalo vai cair em cima de mim".

Flora Thomson-DeVeaux: Essa é a parte da história que a Gabi mais lembra. Dessa conversa na diagonal, desses segundos ou minutos em que ela ainda estava segurando os arreios.

Gabriela Lancellotti: E a gente começou a falar de cenários, assim, falar sobre... E o cavalo ali. Só que o cavalo deu uma segunda catucada pro lado, fez "tum tum tum". Daí a Emília falou: "Vai cair!" Aí eu falei: "Não vai cair, eu vou soltar, e aí a gente dá um jeito de cair juntas". A Emília falou

assim: "Eu já vi alguém caindo na fazenda e batendo a cabeça, blá, blá, blá". Me deu um exemplo de uma pessoa que tinha se machucado caindo de um cavalo. Aí eu falei: "E aquela vez que o cara quebrou a perna quando o cavalo caiu em cima?".

Flora Thomson-DeVeaux: Foi isso que me chamou a atenção quando a Gabi me contou essa história pela primeira vez. Numa situação assim, é meio raro ter esse tipo de tempo dilatado. Uma pausa na queda, um momento em que você consegue ver os caminhos do multiverso abrindo pra esquerda, pra direita, pra frente... Qual caminho você vai escolher? Dá pra escolher?

E você não tem todo o tempo do mundo. Se você demorar muito, você pode acabar no pior caminho de todos. Que às vezes envolve um cavalo, entre aspas, "objetivamente grande" caindo em cima de você. E o cavalo começou a meio que, o Aimoré começou a fazer mais vezes pro lado "tutum, tutum". Daí eu falei: "Emília, eu vou me jogar".

Emília Bordini: Eu lembro da gente caindo em câmera lenta.

Gabriela Lancellotti: E aí eu lembro que eu soltei a perna e aí eu comecei a me jogar para um lado e a Emília veio junto. Em vez de eu largá-la em cima do cavalo, ela veio junto.

Emília Bordini: Eu acho que ela achou que eu ia cair, bater a cabeça, foi isso. Apesar da gente estar em câmera lenta, nesse momento pareceu que foi um negócio super rápido, assim, reflexos do Homem Aranha.

Gabriela Lancellotti: E aí eu a primeira reação que eu tive quando eu me vi caindo foi apoiar o braço esquerdo no chão.

Emília Bordini: E aí quando ela fez isso, deu muito ruim.

Gabriela Lancellotti: E eu vi, eu vi, ouvi um barulho, meu cotovelo, PÁ, saindo para frente, assim.

Emília Bordini: E aí eu olho, a Gabi tá no chão, estatelada com o braço claramente quebrado, assim, era visual a deformidade óssea que se formou. Estava muito claro que estava quebrada.

Gabriela Lancellotti: Caí no chão, não bati a cabeça, o cavalo não caiu, e eu deitada no chão, olhando assim. O Aimoré estava quase acima de mim, assim parado, nem se mexia. Eu estava deitada de lado no chão, em cima do meu braço esquerdo. Eu vi a Emília correndo lá pra casa, assim correu, gritava: "Socorro! Socorro, gente! A Gabi caiu!". Não tinha ideia do que tinha acontecido, não tinha ideia do que tinha acontecido. E aí eu sentei e eu vi meu braço pendurado. E aí eu senti a dor. Aí veio. Eu segurei meu braço com a mão esquerda, perto do corpo. Não dobrei porque não sei o que aconteceu. Comecei a chorar alucinadamente. Deitei do lado da piscina no sol. Na hora que eu deitei, o meu braço esquerdo caiu para o lado com a mão inteira no chão, num jeito anormal, e eu olhei pra cima, assim, todas as crianças em volta de mim. Aí eu vi a Emília correndo. E aí eu estava parada. Escutei meu irmão falar assim: "Olha o braço delaaaa!" E pessoal: "Gaaaabi! Põe uma tala!" Como não tinha muita supervisão de adulto, e eu deitada, largada no chão e minha mãe não estava lá, então não tinha muito o que fazer.

Flora Thomson-DeVeaux: Quer dizer: Senhor das Moscas light.

Gabriela Lancellotti: Eu acho que eu fiquei uma meia hora deitada ali, uma meia hora deitada e as crianças todas em volta, correndo, correndo, tentando ligar pra minha mãe. 2002, ninguém tinha celular.

Flora Thomson-DeVeaux: A mãe da Gabi trabalhava na cidade, e ninguém estava conseguindo falar com ela.

Gabriela Lancellotti: E minha mãe não chegava. Isso eu tinha passado uma hora, e eu segurando o braço. Eu lembro que eu levantei, eu andei até a casa, todo mundo veio junto, ligaram a TV, estava passando o Fantástico Mundo de Bob.

Flora Thomson-DeVeaux: Depois de algum tempo, de não sei quantos episódios do Fantástico Mundo de Bob, a mãe da Gabi chegou na fazenda e voou com ela pro hospital. No fim das contas, o braço não chegou a quebrar, mas o cotovelo da Gabi estava deslocado. Tinha saído completamente do lugar. Ela teve que fazer uma operação e passou a noite no hospital. E enquanto isso, a mãe da Emília chegou pra ela com uma incumbência.

Emília Bordini: Falou: "Emília, isso aconteceu, a Gabi estava tentando te proteger, a Gabi se machucou, você tem que dar um presente para ela". E eu falei: "Gente, a Gabi..." e eu tinha que dar um presente bom porque a pessoa estava no hospital. Aí o que me ocorreu - e eu só quero dizer que à época, quando isso era um bom presente, talvez.

Gabriela Lancellotti: Eu lembro que a mãe da Emília ligou para minha mãe no hospital e minha mãe me passou o telefone. Era a Emília no telefone. Aí eu lembro que foi uma conversa muito protocolar, a gente não tocou no assunto do braço. A Emília só falou assim: "Você está com muita dor?" Eu falei: "Não, está melhor". Daí ela falou assim: "A minha mãe falou para te dar um CD. Qual CD você quer?" Aí eu falei: "Eu quero o CD da Marisa Monte que tem 'Amor, I Love You'". Aí ela falou: "Tá bom". E aí a gente desligou: "Tchau, beijo, beijo". Desligamos o telefone.

Emília Bordini: Mas aí beleza, missão dada. Na nossa cidade tinha um senhorzinho que andava numa van anunciando que ele vendia CDs. E eu liguei e pedi pra ele ir lá em casa levar o tal do CD.

Gabriela Lancellotti: Ganhei o CD da Marisa Monte. Cheguei em Batatais e estava lá o CD da Marisa Monte.

Emília Bordini: E foi, sei lá, uns R\$20 na época, eu não tenho ideia do preço de um CD, mas é que em dinheiro de hoje, assim, é um bilhão de reais para uma pessoa que mal ganhava mesada, sabe.

Gabriela Lancellotti: Foi um processo muito transformador, porque além de eu ter ficado dois meses sem ir à escola, eu perdi o movimento do meu braço esquerdo, até hoje ele nunca se recuperou.

Emília Bordini: E ela foi no reflexo, não foi combinado, eu não vi o que estava acontecendo, eu não vi que eu tinha a chance de bater a cabeça e ela pensou nessa hipótese e não teve dúvida em meio que se sacrificar, e no fim foi um sacrifício, porque a gente fala disso dando risada hoje, mas ela ficou com muita dor por muito tempo.

Gabriela Lancellotti: Até hoje eu não dobro o meu braço, ele não chega no cotovelo. E ele não estica.

Flora Thomson-DeVeaux: A Gabi nessa época era nadadora federada, tinha patrocínio, touca com o nome dela. Era isso que ela queria fazer da vida. Mas, naquele dia, ela embarcou em outro caminho do multiverso. Um caminho em que o braço dela não dobrava direito, em que ela não conseguia mais nadar profissionalmente, e a Emília saiu sem um arranhão.

Emília Bordini: Eu me sinto um pouco culpada porque ela me salvou e ferrou o braço dela, né?

Gabriela Lancellotti: A gente conversava muito sobre isso depois: imagina se fosse pior, sabe? Imagina se tivesse batido a cabeça, imagina se... E eu lembro que depois de um tempo, assim, eu falava, eu contava a história da queda e falava para todo mundo que eu salvei a vida da Emília [ri].

Flora Thomson-DeVeaux: Você assim, você acha, você pensa que você salvou a vida dela, mesmo que tenha sido sem querer?

Gabriela Lancellotti: Não. Eu acho que a Emília é muito ágil. Ela é pequenininha? É. É magrinha? É. Eu acho que ela teria dado meio que uma esquivada. Eu não acho que ela teria batido a cabeça.

Flora Thomson-DeVeaux: Ah, esqueci de falar. Não sei se deu pra perceber quando a Emília falou em “deformidade óssea”, mas hoje em dia ela é médica. Neurologista. Então eu perguntei pra ela, enquanto neurologista, se realmente tinha perigo cair de um pônei que nem o Aimoré.

Emília Bordini: Não dá para saber, mas já vi trauma de baixo impacto, porém sendo na cabeça com consequências importantes.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas você acha que ela fez a coisa certa?

Emília Bordini: Cara... Não dá pra saber.

Flora Thomson-DeVeaux: Olhando pra trás, com a ótica de médica, a Emília só queria ter melhorado a forma como ela apresentou o diagnóstico pra paciente.

Emília Bordini: Eu hoje acho que eu fui zero sensível. Eu falei: "Gabi, eu acho que quebrou muito seu braço". Uma coisa assim, sabe. Aí que ela desatou a chorar.

Flora Thomson-DeVeaux: Então hoje em dia você, assim, vendo uma deformidade óssea, você não falaria pro paciente: "Nossa, quebrou muito, hein!"

Emília Bordini: Não, eu acho que: "Olha, grande chance de ter uma fratura, mas vamos fazer um raio-X para ver se vai ter que engessar, vai ter que fazer algum tratamento cirúrgico, o ortopedista vai saber te falar... e mais importante, já você vai tomar algum remédio pra aliviar essa dor, né".

Flora Thomson-DeVeaux: Melhorou... Você voltou a andar de cavalo depois disso?

Gabriela Lancellotti: Nunca mais na minha vida eu subi num cavalo. Nunca mais. E eu gostava, viu? Nunca mais. Eu não gosto nem de chegar perto de cavalo. Tenho muito, muito medo, muito medo. Como uma pessoa consegue subir num bicho desse tamanho e achar que é normal? Como que pode achar que é normal? É um animal extraordinário, não existe para a gente. Chega.

Emília Bordini: Hoje eu acho que ela fala na boa, dá risada, mas na época ficou muito na minha cabeça essa parcela de culpa.

Flora Thomson-DeVeaux: Estou tentando fazer uma associação agora com o Titanic, Rose e Jack na prancha.

Emília Bordini: [ri] Por favor, não fala que eu sou a Rose! [ri] Deixei lá a Gabi se afundando...

Flora Thomson-DeVeaux: Não, é que, enfim, não dá para fazer essa associação porque você não sabia. Você não fez essa escolha. Foi a Gabi enquanto Jack que só soltou a prancha e falou: "Vou lá".

Emília Bordini: É, Gabi enquanto Jack, foi uma decisão do Jack. Eu não tinha escolha de falar: "Não, cabe mais um aqui nesse pedacinho de madeira... sem quebrar o braço". Mas talvez eu tenha sido meio Rose, assim.

Gabriela Lancellotti: Aí eu lembro que no final, quando a gente parou um pouco de contar essa história, a versão que as pessoas ouviam não era nem que: "Nossa, as duas quase caíram e se machucaram", ou "meu Deus, que perigoso!" Era a história de "a Gabriela caiu do cavalo parado". A minha mãe também não ajudou muito porque eu falava: "Gente, ai, quebrei o braço", e ela falou assim: "É, caiu do cavalo parado". E eu: "Mãe!" Aí o "cair do cavalo parado" foi o que ficou.

Flora Thomson-DeVeaux: Então é uma história de heroísmo, de os limites da amizade, o sacrifício, ultimate sacrifice, ou é de incompetência mais pura.

Gabriela Lancellotti: Exato. Você acredita que eu saí assim da história?

Flora Thomson-DeVeaux: Triste.

Flora Thomson-DeVeaux: É que nem eu falei: essa é uma tragédia. Uma história de fatalidades, de erros de cálculo. Mas, sobretudo, uma história de amor.

Branca Vianna: Essa foi a Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Novelo.

Nesse primeiro ato, a cena crucial – que na hora provavelmente aconteceu em questão de segundos – acabou sendo dilatada na memória. E, no segundo ato, a gente tem um drama que tá se desenrolando ao longo de séculos – mas que, pra quem tá olhando atentamente, é um problema pra ontem. E essa história quem conta é o Vitor Hugo Brandalise.

ATO 2

Vitor Hugo Brandalise: O Ricardo Hirata deu muita sorte com a primeira chefe que ele teve.

Ricardo Hirata: Eu tive uma chefe muito, muito boa.

Vitor Hugo Brandalise: Eles se deram tão bem que, pouco tempo depois de se conhecerem, eles já decidiram levar a relação pra um outro patamar.

Ela tinha acabado de se separar do companheiro dela, e ela tinha um apartamento bom, no centro de São Paulo... E ela falou: "Putz, com meu salário eu não vou pagar esse apartamento". Aí eu estava procurando lugar para ficar, e ela falou assim: "Ó, tem dois quartos aqui, se quiser pegar um, tranquilo".

O Ricardo topou, e virou roommate da chefe. Na verdade, até mais do que isso.

Ricardo Hirata: Eu me tornei muito amigo da Rosa.

Vitor Hugo Brandalise: O nome dela é Rosa.

Ricardo Hirata: Rosa Beatriz Gouvêa da Silva.

Vitor Hugo Brandalise: Pro Ricardo, a Rosa era aquele tipo de chefe que tá mais pra um mentora, uma guia.

Ricardo Hirata: Eu era estagiário dela. Eram os primeiros, sei lá, computadores – não eram bem computador, mas era uma calculadora sofisticada que fazia os dados de estatística. E eu ia fazendo as coisas, era bem trabalho de estagiário.

Vitor Hugo Brandalise: De manhã, o Ricardo e a Rosa iam juntos pro trabalho, e à noite eles voltavam juntos pra casa. Eles dividiam as compras do mercado, o boleto do aluguel... Podia ser o começo de uma história de amor. E... é. Mas não desse jeito que você deve tá pensando. Os dois eram apaixonados... não um pelo outro. Eles eram apaixonados pela mesma coisa.

Por águas subterrâneas.

Ricardo Hirata: Ou seja, aquela água que ocorre abaixo da superfície.

Vitor Hugo Brandalise: O Ricardo e a Rosa trabalhavam no Departamento de Águas e Energia Elétrica do estado de São Paulo. E o Ricardo estava fazendo faculdade pra ser hidrogeólogo.

Aquele começo dos anos 80 foi um momento especial pra hidrogeologia. Porque a tecnologia de perfuração de poços tinha avançado muito com a indústria do petróleo. Tinham surgido umas sondas, que pareciam uns "supercanudos", que serviam pra puxar o petróleo do fundo da terra. E alguém teve a ideia de usar esses mesmos canudões pra sugar água subterrânea.

Ricardo Hirata: Os sistemas de bombas deram um salto de evolução não só no Brasil, mas no exterior. Então as bombas começaram a ficar mais compactas, mais eficientes e começaram a caber muito bem dentro de poços.

Vitor Hugo Brandalise: Quando a Rosa começou a pesquisar, essa tecnologia já existia. Mas o que ela fez foi pegar todos os dados que o Departamento de Águas e Energia Elétrica reuniu em escavações desde o fim dos anos 70 – e analisar esses dados. E o Ricardo logo sacou que o que ela estava fazendo era um trabalho de extrema importância.

Ricardo Hirata: Foi um super trabalho pioneiro. A Rosa é aquela pessoa certa, na hora certa, e a ciência ganha com isso.

Vitor Hugo Brandalise: O trabalho que a Rosa estava fazendo ajudou a definir os contornos de um dos reservatórios de água subterrânea mais importantes do mundo.

Ricardo Hirata: Foi um trabalho impressionante, um marco pra hidrogeologia do Estado de São Paulo, e poucos estados têm esse tipo de estudo que terminaram na década de 80, foram da década de 70, da década de 80.

Vitor Hugo Brandalise: Nesse estudo, a Rosa fez o primeiro modelo de como funcionava aquele reservatório. Ela analisou a composição química da água, se ela era potável, de onde ela vinha, em que profundidade ela ficava, que tipo de pedra tinha em cima, o que tinha embaixo.

A Rosa entendeu a relevância daquele reservatório – daquele aquífero. Como ela escreveu na tese dela, que ela publicou em 1983, abre aspas, “esse aquífero dentro de alguns anos vai se tornar a maior fonte de fornecimento de água da região”, fecha aspas. Bingo.

Ricardo Hirata: Ele era chamado de Sistema Aquífero Botucatu-Pirambóia, que são os nomes das formações geológicas que compõem esse aquífero.

Vitor Hugo Brandalise: Botucatu-Pirambóia. Ok, esse nome provavelmente não te soa nem um pouco familiar, mas eu aposto que você já ouviu falar dele pelo nome que veio depois, uns anos depois, e que acabou "pegando": Aquífero Guarani.

Ricardo Hirata: A Rosa que trouxe o Guarani para minha vida no sentido inicial, quando eu era estagiário ainda.

Vitor Hugo Brandalise: O Aquífero Guarani é um reservatório de água gigante que se estende por mais de um milhão de quilômetros quadrados. Ele é o segundo maior aquífero do Brasil – e do mundo. Só fica atrás do Aquífero de Alter do Chão, no Pará.

Vamos fazer aqui um momentinho “Telecurso 2000”, porque eu sei que aquífero não é um assunto de todo dia. Eles estão tão lá embaixo, discretos, a gente quase nem pensa neles. Então vem comigo rapidinho lá pras profundezas da terra – comigo e com o Guilherme Arantes.

Guilherme Arantes: Terra, planeta água. Terra, planeta água.

Vitor Hugo Brandalise: Aquíferos são essas reservas enormes de água subterrânea – água doce, geralmente água da chuva que se infiltra pelo chão e fica guardada no subsolo.

Guilherme Arantes: Águas que movem moinhos são as mesmas águas que encharcam o chão.

Vitor Hugo Brandalise: A água pode ficar um pouco mais perto da superfície, inclusive saindo pra fora: são as “áreas de afloramento” ou “áreas de recarga”, porque é ali que a água da chuva se infiltra, antes de voltar pro fundo da terra.

Guilherme Arantes: E sempre voltam humildes pro fundo da terra.

Vitor Hugo Brandalise: Mas o grosso do aquífero fica bem lá embaixo. Entre 200 e 2000 metros abaixo da superfície. Quando a gente ouve falar de "água subterrânea", geralmente a gente ouve falar mais de "lençol freático" que de aquífero, né? Na verdade, o lençol freático fica entre a água que ainda tá encharcando o chão e a água que começa a descer. Eles são a camada mais superior das águas subterrâneas - a linha de água que já tá embaixo da terra, mas que ainda não entrou na rocha do aquífero. Tipo uma capa de água. Um lençol.

Guilherme Arantes: E depois dormem tranquilas, no leito dos lagos. No leito dos lagos.

Vitor Hugo Brandalise: Valeu, Guilherme Arantes.

Bom, talvez você já tenha ouvido essa música em alguma rádio por aí. E é possível que você também já tenha ouvido falar do Guarani na escola. Eu lembro de ver um desenho dele num livro didático. Ele aparecia como um diagrama, a terra toda fatiada em camadas: a superfície com umas arvorezinhas; depois, indo pra baixo, uma camada de argila; uma camada de pedra; e aí uma camada de água – uma camada azulzinha, com uma seta que dizia: "Aquífero Guarani".

Era só um desenho bem simples, um diagrama, mesmo – mas eu acabei extrapolando aquele azul do livro. E, toda vez que eu ouvia falar do Aquífero Guarani, vinha muito clara na minha cabeça uma lagoa subterrânea de águas cristalinas – sei lá, tipo as fotos que a gente vê de Bonito, no Mato Grosso do Sul, ou dos Lençóis Maranhenses. Mas o Ricardo me explicou que não é exatamente assim.

Ricardo Hirata: É a mesma coisa que você pegar um torrão de solo... Todo mundo já brincou com castelo de areia na beira da praia. Você pega aquele torrão de areia da praia e a água começa a escorrer. Você pega aquela areia toda encharcada. Aí onde está aquela água? Aquela água está no meio dos grãosinhos que nós chamamos de poros. A água subterrânea é a mesma coisa.

Vitor Hugo Brandalise: Ok, então substitui a "gruta azul" por um castelinho de areia bem encharcada na praia. Tudo bem, continua bonito. E aquele trabalho da Rosa, a chefe do Ricardo, foi o primeiro a descrever o Guarani no lugar onde ele é mais abundante.

Ricardo Hirata: Ela faz isso em poços no estado de São Paulo e faz o primeiro modelo conceitual de como funciona o Aquífero Guarani. Então eu participei disso, eu ia lá, fazia, era na mão. A Rosa também é outra pessoa super legal, porque ela não só dá o trabalho, ela vai ensinando, eu aprendi muito com ela.

Vitor Hugo Brandalise: Nesse tempo todo que o Ricardo conviveu de perto com a Rosa, no laboratório e em casa, ele percebeu que ele tinha muita coisa pra aprender com ela. Sobre hidrogeologia, claro – mas não só.

Ricardo Hirata: Eu aprendi muito com a Rosa também nessas questões dos movimentos sociais. E ela era muito ativa mesmo dentro dos coletivos feministas que ela participava, porque ela era uma liderança dentro da instituição.

Vitor Hugo Brandalise: A Rosa Beatriz Gouvêa da Silva tá entre as fundadoras de vários grupos feministas – como o Centro de Formação Mulher, que tá aí até hoje –, e de uma ala que debatia igualdade de gênero dentro de um partido recém-fundado na época, o PT.

Ricardo Hirata: Ela era super engajada. E o lance é assim: então, tinha uma manifestação, na época tinham poucos homens nessa história, e quando a gente estava lá junto delas, a gente era xingado de todo jeito. Muitas brincadeiras machistas, obviamente, em cima da gente. Ela soube sempre batalhar por isso, e sempre soube ser muito animada, muito alegre. Era meio assim o jeito de ser sempre muito vivo, muito dinâmico, muito forte.

Vitor Hugo Brandalise: Depois que o estágio do Ricardo acabou, ele foi contratado no Departamento de Águas, e eles continuaram trabalhando juntos. E aí, em 1986, a Rosa recebeu um convite.

Ricardo Hirata: A Organização Pan-Americana de Saúde desenvolveu um programa chamado “Programa de Profissionais Jovens”. Esse programa permitiu que alguns profissionais de qualquer país da região, países latinoamericanos, pudessem trabalhar no Centro de Engenharia Sanitária e Ciências do Ambiente, que ficava em Lima.

Vitor Hugo Brandalise: E esse programa em Lima, no Peru, tinha uma etapa sobre águas subterrâneas.

Ricardo Hirata: Tinha um grupo de águas subterrâneas. E quem participava desse grupo era o Stephen Foster.

Vitor Hugo Brandalise: O Stephen Foster, um hidrogeólogo renomado, que era um dos representantes da Organização Mundial da Saúde sobre águas subterrâneas. Ele ficou impressionado com o trabalho pioneiro da Rosa – e também com o potencial desse aquífero como reservatório de água pro Brasil e pro mundo. Se um dia no futuro faltasse água – como aliás já tá faltando em muitos lugares – o Guarani ia tá aí. E a Rosa era uma figura-chave pra entender como ele funciona.

Ricardo Hirata: Ela era a melhor pessoa para ir, não só por causa da formação, da capacidade e tudo mais. Então a Rosa, a Rosinha, então ela foi pro Peru.

Vitor Hugo Brandalise: Isso foi no começo de 1986.

Ricardo Hirata: Aí que que aconteceu no Peru: já no começo do programa, ela pegou dois amigos brasileiros, se reuniram, falaram: “Vamos passear”, né? Vai ter uns dias aí, vamos ver a festa do Inti Raymi”, que é uma festa muito famosa no Peru. Os três foram pra Cuzco. Em Cuzco, pra chegar a Machu Picchu, uma das formas de fazer isso é trem. E que aconteceu? Na época tinha o problema do Sendero Luminoso, a guerrilha desse movimento de esquerda, tinham lá os problemas todos políticos em relação a isso.

Vitor Hugo Brandalise: O Sendero Luminoso era um grupo de guerrilheiros de esquerda, com inspiração maoísta, que tinha a ambição de fazer uma revolução no Peru.

Naquela altura, o Peru já não estava mais sob uma ditadura – mas os governos que sucederam essa ditadura continuavam reprimindo o Sendero. Justiçamentos e execuções eram comuns, estavam sempre nas páginas dos jornais.

Alguns dias antes daquele feriado que celebra o deus inca Inti, o Deus-Sol, a Guarda Nacional peruana tinha executado, dentro de um presídio, cerca de 200 detentos ligados ao Sendero Luminoso. Detentos que estavam rendidos, de joelhos. E o Sendero jurou vingança.

Ricardo Hirata: Aí os caras pegaram o trem, né.

Vitor Hugo Brandalise: Os caras, no caso, a Rosa e os dois amigos brasileiros dela.

Ricardo Hirata: Ela estava indo de Cuzco para Machu Picchu. E na estação ferroviária de Cuzco, um garoto pegou e entrou.

Vitor Hugo Brandalise: Ele entrou no penúltimo vagão do trem de turistas. O mesmo vagão em que estava a Rosa.

Ricardo Hirata: Aquela coisa, o pessoal entra no trem, estava entrando no trem e aí vai sentando, tal...

Vitor Hugo Brandalise: Faltavam sete minutos pra dar o horário da partida.

Ricardo Hirata: E aí na estação mesmo o cara colocou uma bomba dentro do trem e saiu.

Vitor Hugo Brandalise: Uma bomba-relógio, no bagageiro do trem.

Ricardo Hirata: E a bomba explodiu e ela foi uma das vítimas. Ela morreu. Ela morreu na estação. Ela foi retirada do trem, mas ela morreu na estação mesmo.

Vitor Hugo Brandalise: A geóloga brasileira Rosa Beatriz Gouvêa da Silva foi uma das 7 vítimas fatais desse atentado do Sendero Luminoso. Ela tinha 34 anos. Outras 35 pessoas ficaram feridas. Entre elas, os dois amigos brasileiros da Rosa.

Ricardo Hirata: O alvo obviamente não era ela, não tinha nada a ver. Ela foi uma vítima dessa situação.

Vitor Hugo Brandalise: O atentado não tinha nada a ver com a Rosa, nem com o trabalho dela na Organização Pan-Americana de Saúde. Só que, dessa vez, ela estava no lugar errado na hora errada. A Organização avisou o Departamento de Águas, que avisou o Ricardo e foi ele quem deu a notícia pro irmão e pros pais dela.

Ele me falou do “choque” da notícia, e de como ele só se permitiu chorar quando ele viu e abraçou os pais da amiga. Seis dias depois, a Rosa foi sepultada em São Paulo. Ela foi homenageada pelo PT, pela USP, por vários grupos feministas.

Quando a gente perde alguém e tá vivendo um luto, é muito esquisito ver que o mundo continua girando, como se nada tivesse acontecido. Você ainda tá desorientado com aquela perda, mas precisa comer, tomar banho, ir no mercado... tem que cumprir o prazo que você tinha se comprometido. Os projetos não param.

O projeto da Organização Pan-Americana de Saúde tinha que continuar, mesmo sem a Rosa. E eles precisavam de um hidrogeólogo que entendesse de Aquífero Guarani.

Ricardo Hirata: Bom, aí que aconteceu. Aí surgiu a vaga. Esse programa de treinamento de profissionais latinoamericanos continuava, e eles precisavam de outro profissional. Só que quem

queria ir, né? Ninguém queria ir. Porque imagine, você vai substituir uma pessoa que morreu de uma forma tão trágica e de um país que a violência estava escalando.

Vitor Hugo Brandalise: O Ricardo tá falando que "ninguém queria ir", mas não é que eles estavam tentando qualquer pessoa. Eles queriam algum hidrogeólogo que tivesse acompanhado de perto a pesquisa da Rosa. E ele, obviamente, era o mais indicado.

Vitor Hugo Brandalise: Mas você não ficou com medo?

Ricardo Hirata: Olha, o cara que ia trabalhar comigo, quer dizer que eu ia trabalhar com ele, que ele ia ser meu chefe, o Stephen Foster, ele fez questão de vir ao Brasil para conversar comigo. E para me acalmar. Ele falou: "Olha, eu me sinto muito seguro". Eu me lembro do almoço em um restaurante japonês e ele me convencendo de que era mais seguro à época morar em Lima do que em Belfast. Eu não entendi o que aconteceu em Belfast, mas bom.

Vitor Hugo Brandalise: O que estava acontecendo em Belfast naquela época era uma série de ataques a bomba do IRA – que era o grupo paramilitar que lutava contra a influência britânica na Irlanda –, e o revide, também violento, da polícia.

Entre os anos 70 e 80, cerca de 3 mil pessoas morreram e outras 30 mil ficaram feridas nesse conflito.

Então, o Stephen Foster – que era britânico, aliás – usou esse "lugar de fala" pra convencer o Ricardo de que Lima era fichinha perto da capital irlandesa. Além de, claro, vender a ideia da importância que o trabalho dele ia ter.

O Ricardo sabia que ele não era a Rosa. Que ele não tinha como substituir a Rosa. Mas ele queria honrar o trabalho dela, e retribuir toda a atenção que ela tinha tido com ele, tudo o que ela tinha ensinado pra ele, se jogando de cabeça nesse projeto que era tão importante pra ela.

Ricardo Hirata: Aí eu fui, porque motivado por todas essas coisas.

Vitor Hugo Brandalise: Naquela altura, o Ricardo tinha acabado de se casar – e, embarcaram pro Peru ele e a mulher. Eles chegaram num sábado à noite. Na quarta-feira, teve um terremoto em Lima. Na sexta, era aniversário do Sendero Luminoso e eles tiveram que ficar dias sem sair de casa. Tudo isso na primeira semana. Na segunda seguinte...

Ricardo Hirata: A minha esposa queria ir embora. Segunda-feira ela estava desesperada pra ir embora.

Vitor Hugo Brandalise: Mas, depois de um tempo, tudo se acertou. Eles entenderam como circular sem tanto perrengue. E o antigo estagiário da Rosa agora estava lá, com a missão de continuar a pesquisa sobre o aquífero Guarani de onde ela tinha parado.

Corta pra 40 anos depois. Hoje, o Ricardo é um dos mais respeitados especialistas em águas subterrâneas – e a pessoa que melhor conhece o aquífero Guarani.

Ricardo Hirata: O Guarani é um grande reservatório natural, com águas muito antigas. Então ele tem problema de que ele vai perdendo o nível com o tempo. Ele está perdendo um metro de água de cargas de água por ano.

Vitor Hugo Brandalise: Um metro a menos de água por ano. Lembra que o Ricardo contou que a água do Guarani – e dos aquíferos em geral – fica guardada no meio de rochas porosas, tipo “areia molhada”? Então, é essa rocha porosa que tá secando mais e mais – quer dizer: a cada ano, pra encontrar a água do Guarani tem que descer um metro a mais pra baixo da terra. Uma hora bate lá no fundo, uma hora o aquífero seca.

Mas não é que o Guarani tá secando todo. Pensa no aquífero como se fosse uma esponja gigante: imagina uma esponja molhada. E agora pensa que você pegou a esponja na mão com cuidado e espremeu só um lado dela. O outro lado continua encharcado. É a mesma esponja, mas um lado tá seco e o outro molhado. Com o Guarani é a mesma lógica.

O aquífero é enorme, e o que tá secando é a parte central dele – a parte que a Rosa estudava, que o Ricardo estuda. Nessa área do aquífero, as águas são muito antigas – em alguns pontos, elas chegam a ter 200 mil anos. É assim mesmo: você abre o chuveiro pra tomar banho e a água que cai estava guardada desde o tempo dos primeiros Homo Sapiens.

Mas, só pra ficar claro: não é que o Aquífero Guarani estava lá "intocado" antes da Rosa, do Ricardo, e do grupo todo deles começarem a futucar. E aqui vale uma pausa pra gente pensar na mágica que é a gente abrir a torneira e sair água limpinha.

Resumindo bem: se você mora numa cidade, se a tua casa ou o teu prédio é abastecido pelo serviço de saneamento básico – que em geral é uma empresa pública ou uma concessão. Essa empresa tem o compromisso de fazer chegar a água pra você, e você tem o compromisso de pagar todo mês pelo tanto de metros cúbicos que você gasta. É essa empresa que tem que se virar pra servir essa água limpa – normalmente fazendo o tratamento ou das águas dos rios ou de reservatórios subterrâneos.

Mas – principalmente em áreas rurais, onde as tubulações dessas empresas não chegam – muita gente faz a própria captação, também pegando ou do rio ou furando um poço. E, claro, tem também as indústrias que usam muita água nos processos, e cavam um ou mais poços próprios pra ter água sem precisar pagar pras empresas de saneamento.

Pra esses casos – tanto das pessoas físicas quanto das empresas que captam água de forma independente – existe uma regra de que você precisa contratar uma empresa certificada pelo estado pra furar esse poço, e o governo deveria fazer uma fiscalização periódica dessa água... mas você deve imaginar que isso não acontece, né? E claro que tem outros jeitos de captar água: dessalinização de água do mar, captação de água da chuva, enfim, mas vamos ficar por aqui pra gente voltar pro Aquífero Guarani.

Sim, ele já era usado, tanto pela Sabesp – que é a empresa de saneamento do estado de São Paulo – quanto por pessoas e empresas privadas, desde antes

dos anos 80. Mas, com o avanço daquela tecnologia de perfuração e bombeamento de água – além, é claro, da poluição e do assoreamento dos rios, e do crescimento das cidades – as águas do Aquífero passaram a ser cada vez mais exploradas.

Ricardo Hirata: Ele está perdendo, na parte central ele está perdendo. Então, tá lá, tá caindo, caindo, caindo.

Vitor Hugo Brandalise: Essa “parte central” é uma das áreas onde tem mais água no Guarani todo – e também a mais explorada, e é a área em que o aquífero tá perdendo água em relação ao que entra. A área em que o aquífero tá secando. Fica na região noroeste do Estado de São Paulo, onde estão cidades populosas, como Ribeirão Preto e Bauru. Ribeirão Preto é 100% abastecida pelo Guarani. 100%. Já em Bauru, 70% da água que sai das torneiras vem desse aquífero.

Eu estava logo querendo saber qual que era o plano do Ricardo pra salvar o reservatório – um plano que, você vai ver, tá longe de ser unanimidade. Mas ele queria que eu entendesse melhor o Guarani antes. O Ricardo Hirata hoje é professor de geologia da USP – e ele resolveu me dar uma aula ali sobre o Aquífero.

Ricardo Hirata: O Aquífero Guarani, ou o sistema Aquífero Guarani, é um reservatório de água subterrânea, que se estende por quatro países da América do Sul, incluindo o Brasil, onde ocorre a maior parte da área, depois a Argentina, o Paraguai e o Uruguai.

Vitor Hugo Brandalise: Ele é um aquífero transnacional. Tem água pra caramba no Guarani.

Ricardo Hirata: O Guarani, então, tem 160 trilhões de litros reservados.

Vitor Hugo Brandalise: 160 trilhões de litros. É difícil imaginar isso acabando... O Ricardo fez uma conta pra mim: com um quarto disso, 40 trilhões de litros que dá pra usar de cara porque tem poço e tudo, já daria pra abastecer a

população brasileira inteira, por dois anos. Só com um quarto do Guarani. Dois anos. Todo mundo.

Ricardo Hirata: É um estupendo aquífero, você perfura um poço e consegue tirar muita água desse poço. Muita água a ponto de poder abastecer cidades, com um ou dois poços você consegue abastecer uma cidade inteira.

Vitor Hugo Brandalise: E com um detalhe importante: a água é boa.

Ricardo Hirata: A maior parte do Aquífero Guarani, ele tem águas potáveis, é a água que você pode... tira do poço diretamente e pode beber porque ela é de excelente qualidade. Essa é uma característica muito positiva desse aquífero.

Vitor Hugo Brandalise: Uma das razões pra água do Guarani ser tão boa é o fato de ele tá embaixo de uma camada grossa de um basalto muito pouco permeável. Isso quer dizer que, quando finalmente a água chega ali, ela já foi muito filtrada, mas também quer dizer que ela leva muito tempo pra chegar até ali.

Ou seja: sai muita água do aquífero, a gente tira muita água, e numa velocidade cada vez maior e entra muito pouca, devagarinho, água da chuva.

Ricardo Hirata: É uma super caixa d'água, mas que as entradas dessa caixa d'água são muito limitadas, né?

Vitor Hugo Brandalise: E aí?

Ricardo Hirata: Aí nós temos o que, você pode falar: "Bom, então o Guarani acabou, vai acabar?" É, se você não fizer nada, ele vai acabar.

Vitor Hugo Brandalise: Tem até um prazo pra isso acontecer.

Ricardo Hirata: Se continuar como continua, nós estamos falando em alguma coisa entre 100, 200 anos, tá? Se continuarmos nesse ritmo que nós estamos.

Vitor Hugo Brandalise: 200 anos pro aquífero acabar, num cenário mais conservador. Ou 100 – que já tá ali, na próxima geração. A geração do meu (talvez) futuro neto, por exemplo, já que o meu filho tá com 1 ano.

E se o Guarani secar mesmo, como é que fica? Bom, fica parecido com um dos filmes preferidos.

Trecho de Mad Max: Do not, my friends, become addicted to water. It'll take all of you, and you will resent its absence.

Vitor Hugo Brandalise: "Mad Max" é a primeira obra de ficção científica que muita gente lembra quando pensa em falta d'água.

A distopia pode até chegar nesse ponto, em que o pouco de água que sobrou no mundo é considerado viciante e chamado de "Aqua Cola". Mas os pesquisadores que trabalham com o Ricardo pensaram num futuro mais imediato. Eles imaginaram esse cenário distópico no interior de São Paulo, na região onde o Guarani é mais usado e onde eles estão estudando: a cidade de Bauru, com seus 380 mil habitantes.

Se o Guarani secar – ou quando o Guarani secar –, o povo de Bauru ia tentar trazer água de outros lugares, ia tentar aproveitar a água da chuva, mas não ia ser suficiente. Então a cidade ia começar a sofrer.

Agora: é claro que a gente não precisa deixar chegar nesse ponto. E o Ricardo é um cara que tá se preparando a vida toda pra isso não acontecer. Além de dar aula no curso de Geologia da USP, ele é o chefe do Observatório do Futuro da Água. E, desde o ano passado, ele tá tocando um projeto grande sobre o Guarani, com 11 instituições envolvidas, inclusive o poder público paulista e o de Bauru. A ideia é transformar essa região num modelo de uso de aquíferos no Brasil.

Em outras palavras: esse é o plano que o Ricardo tá bolando pra salvar o aquífero.

Ricardo Hirata: Isso tem solução? Tem solução. Você pode recarregar o aquífero, você pode realimentar esse aquífero.

Vitor Hugo Brandalise: Quer dizer: se a natureza leva tempo demais – na escala humana – pra reabastecer o Aquífero Guarani, o Ricardo propõe um jeito de devolver água lá pra dentro por outro caminho.

"Devolver." "Retribuir." Dá até um bug na cabeça ouvir essas palavras que tão muito mais no contexto do "mindfulness" do que no da exploração dos recursos naturais. Mas é por aí mesmo: no Brasil, onde 38 milhões de pessoas usam águas subterrâneas no dia a dia, nunca foi feita nenhuma obra de reposição de aquíferos. E a equipe do Ricardo tá avaliando duas formas de fazer a reposição do Guarani. O primeiro método já foi testado em outros lugares.

Ricardo Hirata: A cidade de Madri tem um sistema de recargas de aquífero que é exemplar.

Vitor Hugo Brandalise: Embaixo de Madri, a capital da Espanha, tem um aquífero chamado Aquífero Terciário Detrítico, com poços profundos, 600 a 700 metros embaixo da terra. Eles bombeiam essa água pra cima, e vão usando. E usam muita água. Porque a cidade é grande, e também por causa do clima.

Ricardo Hirata: Madri tem esse problema, é muito seco.

Vitor Hugo Brandalise: Ao mesmo tempo em que os madrilenhos tão gastando o reservatório do aquífero, eles captam a água de um rio que passa ali perto, o Rio Lozoya, e começam a tratar.

Ricardo Hirata: Então eles sacaram isso. Na época de muita chuva, em que você tem muita água no rio, você trata a água do rio, porque é uma água que você perderia para o rio, você perderia para o mar, então

você pega essa água, trata essa água. Você pega e injeta dentro do aquífero. Eles injetam água de boa qualidade lá e reconstituem o armazenamento.

Vitor Hugo Brandalise: E guarda essa água. Aí, quando fica bem seco de novo.

Ricardo Hirata: E durante a época que eles precisam, eles "pum", eles entram na poupança.

Vitor Hugo Brandalise: O aquífero funciona como uma caixa d'água natural, armazenando água doce do rio que ia parar no mar. E daria pra fazer um projeto parecido em Bauru. Lá tem o Rio Batalha, que corta a cidade – e é fonte de uns 30% do abastecimento dela.

Ricardo Hirata: Trata a água, e tem hoje tecnologias baratas pra fazer isso, apoiadas em soluções naturais, e você pode injetar essa água no aquífero.

Vitor Hugo Brandalise: Só teria que tratar e armazenar essa água do rio na época de chuvas – porque que em tempo de crise hídrica, como a de 2016, o Batalha fica todo seco. Ele sempre aparece na TV com umas pedras e ferragens que estavam no leito do rio e começam a emergir.

Não é à toa, aliás, que a gente tá aqui falando de Bauru.

Ricardo Hirata: Bauru a gente escolheu por vários motivos, mas um é que ele sempre está no noticiário de forma negativa em relação à crise hídrica. Então, quando pinta estiagem forte, pode buscar que está a cidade de Bauru lá.

Vitor Hugo Brandalise: E como crises hídricas mais frequentes tão no rol de eventos que as mudanças climáticas ainda vão trazer pra todo mundo, é bom tirar algumas lições de um lugar que sofre com elas. Até pra evitar um Mad Max.

Ricardo Hirata: Nós temos tecnologias que são pouquíssimo usadas no Brasil. É uma das áreas que o nosso grupo na Universidade de São Paulo também estuda.

Vitor Hugo Brandalise: E é aí que entra a segunda forma de repor a água do Guarani. Uma forma nunca usada – e não só no Brasil, nunca usada no mundo.

Ricardo Hirata: Um sistema bastante de novidade, indo além do que o pessoal de Madri faz.

Vitor Hugo Brandalise: Em vez de usar um rio pra reabastecer o aquífero, a ideia é usar outro aquífero: o aquífero Bauru. Sim, tem um aquífero Bauru também – e ele inclusive é bem maior do que a cidade de Bauru. Ele se estende por 40% do território do estado de São Paulo, e já é muito usado para abastecer cidades da região. O pulo do gato é que ele fica em cima do aquífero Guarani. Quer dizer: é um bolsão de água subterrânea (o Bauru) em cima de outro bolsão de água subterrânea (o Guarani). O plano do Ricardo é furar o aquífero Bauru pra água dele escoar diretamente pra dentro do Guarani.

Ricardo Hirata: É porque o nível de água do Bauru é mais alto que o nível da água do Guarani. Porque o Guarani está caindo, então se você ligar os dois, a água flui naturalmente de um para o outro.

Vitor Hugo Brandalise: A lógica é assim: eles querem aproveitar que o aquífero Bauru fica perto da superfície – e, por isso, é recarregado naturalmente pela água da chuva menos lentamente – pra fazer uma conexão com o Guarani, que tá bem mais pra baixo. Com um benefício que faz com que essa seja, como o Ricardo me disse, “uma puta ideia”: esse processo não ia gastar energia nenhuma.

Ricardo Hirata: Então isso é energia zero realmente. Você não tem gasto de energia elétrica pra alimentar um outro aquífero. Ao contrário de você pegar, tratar a água, injetar a água em profundidade... tudo bem, você tem um controle muito melhor da

qualidade da água injetada, o que torna o sistema clássico um sistema muito mais confiável nesse sentido.

Vitor Hugo Brandalise: Nesse sistema que o Ricardo tá propondo, os aquíferos seriam conectados pra que a água fluísse de um – que tá mais em cima – pro outro, mais embaixo. Só que o fato de não tratar a água que vai ser injetada no aquífero pode ser um problema.

Lembra que o Ricardo disse que o Guarani tem água muito potável, né? É justamente porque ele tá protegido, com uma camada de até 40 metros de basalto impermeável em cima. Com o aquífero Bauru não é bem assim.

Ricardo Hirata: Os aquíferos, por mais que estejam protegidos, eles também são contamináveis. O que acontece é que lá na cidade tem problemas de vazamento de rede de esgoto. E é aí o que acontece? Vaza, o vazamento de rede de esgoto é muito grande e isso daí contamina o aquífero, que é o aquífero mais raso, que é esse aquífero Bauru. Então nós temos uma extensão muito grande do centro da cidade de Bauru, com problemas de contaminação por nitrato, sobretudo.

Vitor Hugo Brandalise: Esses nitratos vão parar na água subterrânea por duas razões principais: por causa do uso de agrotóxicos em plantas, ou por causa do tratamento inadequado do esgoto. E eles fazem muito mal à saúde: um estudo de 2011 mostrou maior incidência de câncer de estômago e de câncer de mama em lugares com água contaminada por nitratos – além de diarreia e dores de cabeça.

Então, eles estão indo por duas frentes. A primeira é saber como neutralizar esses nitratos. A segunda frente é entender a dinâmica dessa água contaminada – se ela vai poluir o Guarani, por exemplo. Uma primeira avaliação indica que não.

Ricardo Hirata: Do conhecimento que nós temos, pelo menos do aquífero em Bauru, a gente sabe que a parte inferior, ou seja, o terço inferior, tem água de excelente qualidade natural. A parte do terço

superior é que tem problemas de qualidade de água, do impacto da cidade, sobretudo vazamento da rede de esgoto.

Vitor Hugo Brandalise: Então, dentro do próprio Aquífero Bauru, a água contaminada fica na parte de cima, então ela tende a não ir pro fundo, que é a parte – por gravidade – que vai pro Guarani.

Essa ideia ainda tá na fase de testes, e eles só querem começar a pensar em obras quando tiverem certeza de que esse processo não corre o risco de contaminar o Guarani. Esse projeto do Ricardo se chama SACRE – que é a sigla pra Soluções Integradas Para Cidades Resilientes às Mudanças Climáticas Globais – e ele vai durar mais cinco anos.

As propostas vão desde conexão de aquíferos até medidas simples, como a plantação de bolsões de eucaliptos – que é uma árvore boa pra sugar águas subterrâneas poluídas e fazer uma remediação natural, o que pode ajudar a despoluir os reservatórios mais superficiais.

Eles querem apresentar um leque de propostas pros governantes do futuro. Pro Guarani continuar abastecendo a gente por muito mais do que 100, 200 anos. E pra essa solução servir de exemplo pra tantas outras cidades que vão sofrer com a crise hídrica nas próximas décadas.

O Ricardo lamenta muito que a Rosa não esteja aqui pra ajudar nesse esforço – porque até hoje ele acha que ela se sairia melhor do que ele cuidando do Guarani.

Ricardo Hirata: É um exercício bobo até, mas assim de falar: "Putz, se a Rosinha tivesse aqui, acho que ela teria resolvido esse negócio aqui com muito mais sabedoria do que a gente, que apanhou uns anos para tentar fazer alguma coisa desse tipo".

Vitor Hugo Brandalise: Na epígrafe daquela tese pioneira sobre o aquífero, a Rosa Beatriz Gouvea da Silva colocou um trecho de Morte e Vida Severina, do João Cabral de Melo Neto. Assim:

“Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.
Mas como segui-lo agora
que interrompeu a descida?”

O João Cabral tá falando aqui do Rio Capibaribe, que é o fio condutor do poema. O percurso do rio é pra ser o percurso da vida no sertão, que de tão frágil muitas vezes se interrompe.

A vida da Rosa foi interrompida de forma abrupta. E o que o Ricardo fez, de algum jeito, foi o que tá nesse poema: ele seguiu as águas que conectavam ele e a Rosa. Agora, ele tenta lutar pra que esse caminho não se interromper também.

Branca Vianna: Esse foi o produtor sênior Vitor Hugo Brandalise. Obrigada por ouvir mais um episódio.

Você já sabe que, toda semana, a gente posta algum material extra do episódio no nosso site. Essa semana, dá pra conferir uma foto da Gabi montada no Aimoré, e formar a sua própria opinião sobre o incidente todo.

Você pode deixar o seu voto na grande rixa “pônei” versus “cavalo objetivamente grande” – e a gente promete que tabula os votos e manda o veredito pra Gabi. Se você ouve a gente no Spotify, dá pra deixar um comentário lá depois que você terminar o episódio. Mas seja qual for o aplicativo que você usa, não deixa de seguir a gente pra não perder nenhum episódio. A gente também tá no Twitter e no Instagram, no @radionovelo.

Se você quiser mandar alguma sugestão de história, tem uma página lá no nosso site que explica que tipo de pauta a gente procura. Está lá no menu, no botão: “envie uma pauta”.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Toda quinta-feira tem episódio novo. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães. As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Júlia Matos e a Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pela Denise Ribeiro e por Luiza Silvestrini. A gente teve o apoio de montagem da Mariana Leão. A sonorização é da Paula Scarpin, da Júlia Matos e da Bia Guimarães. Nesse episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro. O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais. O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.